

RITA RIBEIRO DIZ-SE EM “ESTADO DE GRAÇA” A FAZER MUSICAL DE LA FÉRIA

# ‘Um Violino no Telhado’ vai directo à alma

Em “estado de graça” por fazer parte do elenco de um musical que, aos 17 anos, vira pela primeira vez em Londres, levada pela mão da também actriz e mãe Maria José, Rita Ribeiro vê a participação em «Um Violino no Telhado» como “um presente” que a vida lhe deu. Ou uma oportunidade. Não de voltar à ribalta, porque, “se a vida tem algum sentido, é o de estar ao serviço dos outros”. Mas de cumprir um sonho: o de interpretar Golde num dos “clássicos do teatro mundial” e no “melhor espectáculo de Filipe La Féria”. Ao lado do “afilhado, amigo, irmão, filho e companheiro” José Raposo, «dono e senhor» do papel principal – Tevye –, a actriz diz sentir-se “bem a fazer o que faz” quase todos os dias no Teatro Rivoli, oito anos depois de ter trabalhado com “o lutador”, “o persistente” e “o guerreiro” encenador que conheceu há 20 anos. “Actriz” porque precisa de “respirar” e “artista” de profissão, Rita Ribeiro é, acima de tudo, “uma criativa”, cujo dom tanto lhe dá para produzir espectáculos, ou coreografias, como para estar em palco, ou deitar a “filha à noite”. Afinal, aquilo de que a artista-actriz-empresária-produtora gosta é de “viver o momento” e de “desfrutar aquilo que a vida dá”. Sempre com o mesmo espírito de missão. Ou não acreditasse que tem “uma missão humanitária na vida” a cumprir.

O texto é maravilhoso. A encenação é fantástica. Os actores são maravilhosos. É um sonho ver o espectáculo. ‘Um Violino no Telhado’ vai, de facto, directo à alma do público. É uma coisa que não se consegue esmiuçar – sente-se

## ENERGIA

**Tenho fé na fé que tenho**

**Acredita em Deus?**

Acredito numa força criativa superior.

**Não em Deus?**

Acredito no Universo. E na Natureza.

**É religiosa?**

À minha maneira.

**Vai à missa?**

Não. Mas vou a igrejas.

**Quais?**

A igrejas. Às bonitas igrejas.

**Como observadora?**

Como observadora e, por vezes, como participante. Gosto de partilhar a vida com os outros. Agora, não sou uma fervorosa adepta da igreja.

**Por falta de fé?**

Tenho fé na fé que tenho.

**Mas não sabe o que é?**

Sei.

**E o que é?**

Sei que todos somos regidos por energia. A energia é uma força superior. Temos de estar sempre com muita atenção à energia que nos rodeia.

Por Jorge Carvalho

**Já tinha saudades de trabalhar com Filipe La Féria, ou «Um Violino no Telhado» foi a oportunidade de voltar à ribalta?**

À ribalta? Não. Para mim, não é nada importante estar, ou não, na ribalta. Se a vida tem algum sentido, é o de estar ao serviço dos outros.

**No palco, está ao serviço dos outros?**

Estou. Faz parte da minha vida. É como viver.

**Está-lhe no sangue?**

Se faz parte da minha vida, está-me no sangue. Mas nunca o meu pai, ou a minha mãe me disseram para ser actriz. Bem pelo contrário. Obviamente, os sonhos só podem ser concretizados se soubermos que existem. E, para uma criança, é marcante ver teatro. Muito mesmo.

**Também cumpriu um sonho?**

Cumpri. Porque, muitas vezes, dei por mim a pensar em como gostava de o fazer. É um clássico maravilhoso do teatro mundial. No fundo, foi uma oportunidade que a vida me deu de cumprir um sonho antigo. Já não trabalhava com o Filipe La Féria há oito anos, mas nunca estive parada. Montei uma empresa e fiz uma porção de espectáculos. Fui contratada por uma produtora inglesa para os casinos do Algarve, fiz o 'Amar Amália', que, já como produtora de espectáculos, montei no Porto, no Teatro Sá da Bandeira. E ainda fiz mais de 300 espectáculos por todo o País. Montei também o 'Aqui Há Fantasmas', no Teatro Tivoli, e um espectáculo só de canções, chamado 'Deixa-me ir atrás do Fado', ao mesmo tempo que lancei o CD. Fiz, por exemplo, o espectáculo de homenagem ao meu pai, 'Concerto para Dois', que também era um musical. Ou seja, não tive tempo sequer para ter saudades de coisíssima nenhuma. Estive sempre a trabalhar arduamente como empresária, produtora e actriz. Só baixe as armas em 2006, quando deixei de produzir e de empresariar. Fui só actriz. E dei aulas de teatro. Portanto, estive sempre a trabalhar, se bem que noutras coisas, como numa coreografia para as Marchas do Castelo, em 2007. Não sou só actriz. Felizmente, tenho outros dons.

**Não se assume como actriz de corpo e alma?**

Assumo-me como uma pessoa que gosta muito de viver. Acima de tudo. Sou actriz porque faz parte da minha vida. É uma maneira de eu respirar.

**E profissionalmente?**

Profissionalmente, prefiro assu-

mir-me mais como artista do que apenas como actriz. Sou uma pessoa que, acima de tudo, gosta de criar. Todos somos criadores. Viver é já em si um acto criativo. Eu também sou uma criativa. Estou sempre a imaginar coisas. Mas sinto-me muito bem em cima do palco, porque foi lá praticamente que eu nasci.

**Afinal, gosta mais de estar no palco, ou atrás do palco?**

Gosto de tudo o que seja criatividade. Gosto de estar no palco porque me sinto bem.

**Também tem gostado de estar no palco do Teatro Rivoli?**

Tenho. Digo mais: estou em estado de graça. Recebi o convite quando regresssei de fazer o Caminho de Santiago, que é outra das vertentes da minha vida, porque também sou terapeuta – sou formada em Bioenergia. Voltei para Portugal no dia 24 e, no dia 27, fui celebrar o Dia Mundial do Teatro para o Teatro da Trindade. Deixei o telemóvel em casa – tento não ser dependente de nada, porque estimo muito a minha liberdade – e, quando cheguei a casa, vi que tinha várias chamadas da produção do Teatro Politeama a convidar-me para fazer 'Um Violino no Telhado'.

**Fez logo as malas?**

Não. Aos 17 anos, já tinha visto 'Um Violino no Telhado' em Londres, precisamente na mesma altura em que vi o espectáculo que, mais tarde, proporcionaria a minha estreia, o 'Godspell'. Co-



**Sou madrinha de teatro do José Raposo, que não é apenas meu afilhado, mas também meu amigo, meu irmão, filho e companheiro. José Raposo é mesmo muita coisa na minha vida**

nheci bem Londres, porque, quando comecei a cantar com José Cid, tinha de ir todos os anos a Inglaterra gravar. O dueto que hoje faço com o José Raposo ficou para sempre na minha memória.

Logicamente, quando a proposta me foi feita, tive de repensar a minha vida. Porque implicava vir para o Porto. Mas nunca tive medo de mudanças e não era agora que ia ter. Nem de desafios.

## PARQUE MAYER

### Minha opinião não vai ajudar em nada

**Quando foi a última vez que fez Revista à Portuguesa?**

A última fez foi no Teatro ABC. Antes de ter a minha filha. Foi há 14 anos. Porquê?

**Porque deixou de fazer.**

Se calhar, houve outras coisas para fazer.

**Ou perdeu o gosto?**

Não. Gosto muito de revista. É um género de teatro muito interessante, versátil e divertido.

**Mas não é uma prioridade.**

A minha prioridade é ser feliz. E aceitar o que a vida tem para me oferecer. Não vou impor a mim própria que tenho de fazer revista. Estou bem assim.

**Se nomes como Rita Ribeiro e José Raposo, entre outros, nada fizerem, a revista tem os dias contados. Não sabemos qual vai ser o futuro.**

**Sabe-se o presente da revista em Portugal.**

A revista é passar em revista a actualidade do País. Se calhar, não há nada para passar em revista no País. Se calhar, o País já foi todo revistado. Se calhar ainda, o País já é demasiadamente aberto para as pessoas criticarem o que bem entenderem. Ou, se calhar também, as pessoas não se querem ver revistas no teatro. Os tempos são outros.

**Já não tem público?**

Parece que tem. Sempre que se faz uma revista no Teatro Maria Vitória, onde me estreei, tem público. Haveria, com certeza, coisas a mudar...

**...A começar pelo Parque Mayer.**

O Parque Mayer já é um fantasma para mim. Não tenho mais nada a dizer em relação ao Parque Mayer. Está moribundo há tantos anos. Não é de agora. Eu tive um restaurante no Parque Mayer. Já perdi muito tempo da minha vida a lutar por esse tipo de coisas.

**Foi perda de tempo?**

Valeu a pena na altura porque, uma vez mais, desfrutei das coisas que fiz. Diverti-me. Ganhei e perdi dinheiro. Agora, não volto a fazer o que fiz. Tenho outras prioridades para a minha vida. Já dei as opiniões que tinha a dar. Fui muito opinativa, mas agora não tenho que dar opinião. De uma coisa tenho hoje a certeza: a minha opinião não vai ajudar em nada. Já muitas vezes opinei e não deu em nada. Não vale a pena. Para mim, chega. Tomem conta do que têm a tomar. Eu tomo da minha vida. O Parque Mayer está num estado caótico. A minha esperança é que o caos traga renovação. Se calhar, é a Natureza que quer que o Parque Mayer esteja como está.

**Adaptou-se bem?**

Foi uma adaptação progressiva. Primeiro, vim eu, depois, a minha filha e, mais tarde, os meus cães. Hoje, estou a viver em Gaia e perfeitamente adaptada. Tive sempre a felicidade de ser bem recebida.

**No Porto?**

Fui sempre bem recebida em todo o lado, mas o Porto é especial. As pessoas são muito afectuosas, prestáveis e humanas.

**E veio para ficar?**

Vim para ficar enquanto a vida assim o proporcionar. Nada, neste momento, me pressiona. Sou uma mulher livre e independente. Aquilo que faço todos os dias é preservar a minha inocência e a minha liberdade.

**«Um Violino no Telhado» não fica nada a dever a sucessos como «Amália», «Maldita Co-caína», ou, por exemplo, «What Happened to Madalena Iglésias»?**

Não. Acho, aliás, que 'Um Violino no Telhado' é o melhor espectáculo de Filipe La Féria. Muito completo, em termos de representação, de música e de dança. É um clássico extraordinário, com uma história de dimensão humana que toca todos. Para mim, é, inquestionavelmente, a melhor montagem de Filipe La Féria.

**E também aquela que mais gosto lhe deu fazer?**

Já não me lembro muito bem das outras. Tenho uma memória muito selectiva.

**Por autodefesa?**

Não tenho que me defender de nada. Para mim, o passado é importante enquanto presente, mas, depois, já não faz sentido. O presente é 'Um Violino no Telhado'. Ou seja, o presente deu-me um presente de que estou a gostar muito. E desfruto todos os momentos como se fosse o primeiro e o último. Que não é, porque estou a construir o meu futuro. É também bom não ter o peso de ser a figura central do espectáculo, que cabe ao papel do José Raposo. Ele merece-o. Sou madrinha de teatro do José Raposo, que não é apenas meu afilhado, mas também meu amigo, meu irmão, filho e companheiro. José Raposo é mesmo muita coisa na minha vida.

**Também ajudou a mudar-se para o Porto?**

Ajudou. Muito. Talvez tenha sido a primeira coisa em que pensei quando pus a hipótese de vir para o Porto. Gosto de estar com pessoas com quem me dou bem e onde há harmonia. Se havia actor que pudesse fazer o papel, era o José Raposo. A mim, dá-me tranquilidade não ser a figura principal. É um de

**Audiência**

## DESTAQUE

alívio, depois de seis anos a acumular tanta responsabilidade nos meus ombros, como ter 22 funcionários a quem tinha de pagar salários. É um privilégio estar como estou no Porto.

**Não acho que haja destino****Abandonou em definitivo a área empresarial?**

Neste momento, sinto-me bem a fazer o que estou a fazer. Mas a minha cabeça não pára. Sinto-me bem por não estar a passar pelo que passa o Filipe La Féria, que tem a responsabilidade de fazer um espectáculo com a dimensão de 'Um Violino no Telhado'. La Féria é um lutador, um obstinado e um guerreiro, que é o que somos quando, em Portugal, decidimos fazer alguma coisa. É um criador absolutamente extraordinário. Estou bem, de facto, a viver um período tão pacato na minha vida apenas como actriz. A vida é como o mar: com ondas baixas e altas. Estou a prever o futuro.

**Já sabe o que vai fazer?**

Sei já algumas coisas.

**Quais, por exemplo?**

Ainda não é oportuno. Mas só sei o que vou fazer porque partilho da ideia de que somos os arquitectos da nossa vida.

**Mas o destino, por vezes, prega algumas partidas...**

Não acho que haja destino. Quem escreve o nosso destino somos nós. Somos os guionistas, os actores principais, os figurantes e os iluminotécnicos do nosso futuro. Somos, no

fundo, os responsáveis por tudo aquilo que nos acontece.

**E os obstáculos, os acidentes de percurso e as surpresas?**

As surpresas não são mais do que oportunidades que a vida nos dá de crescer. E aprender. A vida é mesmo para isso: para aprender e evoluir. As surpresas servem para nos levar para o nosso caminho. Nunca nada nos acontece por acaso.

**O que é Filipe La Féria para si?**

É o meu encenador de eleição. Estou muito grata por o ter conhecido.

**Há quantos anos?**

Há 20 anos. Eu sou a persistente. Sou a companheira mais antiga do teatro.

**«20 Anos» é o nome da música com que se estreou a cantar.**

É. O meu padrinho foi o José Cid. Na altura, namorava com o baterista Vítor Mamede, que é o avô dos meus netos e foi o meu primeiro marido, pai da minha filha Joana, e, um dia, estava a assistir aos ensaios, numa garagem que havia em Paços de Arcos, e o José Cid convidou-me para cantar com a banda. Estou muito grata às pessoas com quem cruzei na minha vida. E tanto pode ser o José Cid, como o Filipe La Féria, como ainda um desconhecido



**O Parque Mayer já é um fantasma para mim. Não tenho mais nada a dizer em relação ao Parque Mayer. Está moribundo há tantos anos. Não é de agora. Eu tive um restaurante no Parque Mayer. Já perdi muito tempo da minha vida a lutar por esse tipo de coisas**



como que me cruze na rua. Posso aprender com todos se estiver disposta a isso. Não é preciso estar na ribalta, cantar, ou fazer teatro para, na realidade, ser um criador. O meu avô era um homem simples, do mar, do povo e era um artista, na maneira como vivia a vida. Não era nenhum académico, mas tinha uma inteligência extraordinária.

**O que bebeu do seu avô?**

Muita coisa. A infância marca-nos para o resto da vida.

**Passou a infância em Sesimbra?**

Não. Sesimbra era um retiro de férias. Os meus pais são de Lisboa. O meu pai era radialista de dia e actor à noite e a minha mãe fazia televisão e teatro. O que mais me marcou na infância foram mesmo os actores. E os bastidores. Adoro os bastidores. E as conversas de corredor dos actores.

**Alguns devem ficar com as «orelhas a arder»...**

Não. Não atraio esse tipo de conversas porque não as tenho.

**Ou evita-as?**

Não evito nada. Apenas não as atraio. Mas tenho conversas loucas com os actores. Como se voltasse a ser criança. Lembro-me perfeitamente de andar às cavalitas do António Silva, a brincar no chão da Emissora Nacional, e a rir às gargalhadas com o João Perry, ou a Eunice Muñoz. Isso marcou-me para toda a vida. É a vivência de que mais gosto no teatro. Os aplausos? Claro que também gosto. Os aplausos são como festas para os actores. Agora, tanto gosto de receber aplausos, como gosto de estar em casa a deitar a minha filha. Isso é viver o momento. Desfrutar aquilo que a vida nos dá.

## INTROSPECÇÃO

**Continua a não ler jornais e a não ver televisão como espécie de terapia?**

Só mudo o mundo, se mudar o meu próprio mundo. Se o meu mundo for pacífico e de harmonia, tenho condições para ajudar a mudar o mundo. Mas, se for absorver aquilo que me rodeia e tomar como meus pensamentos colectivos, não vou ajudar em nada. Todas as notícias que preciso de saber chegam a mim. Tudo o que preciso saber sei. Mas também não sou radical. Se tiver que ligar a televisão na hora do telejornal, ligo.

**Nunca comprou um jornal?**

Já. Mas não me recordo a última vez que o fiz.

**Não se interessa mesmo por nenhum programa televisivo?**

Não. Praticamente não vejo televisão. Vejo o Canal Infinito, que trata de coisas que interessam para a minha vida, na área da metafísica. Vejo também o Canal BIO, porque gosto de biografias. E ainda o Mezzo, para ouvir música. Leio muito mais do que vejo televisão ou leio jornais. Incomparavelmente.

**Qual foi o último livro que leu?**

Acabei de ler um livro chamado «A Sabedoria do Mago», de Deepak Chopra. É um médico indiano.

**Também faz yoga?**

Faço. Os meus momentos são muito voltados para o meu ser. E o da minha filha.

**Sempre foi introspectiva?**

## Fiquei assim aos 40 anos

Não. Passei a ser assim a partir dos 40 anos. A minha filha já foi um sonho. Um dia acordei e decidi que tinha de fazer alguma coisa pela minha vida, em vez de estar sempre a dar aos outros.

**Vai deixar sucessor?**

Quero apenas que as minhas filhas sejam felizes. A mais velha já tem 33 anos. Uma grande amiga. Já não é bem só a minha filha.

**Quis ter um filho homem?**

O Universo não quis que eu tivesse um filho homem, que é um mundo que desconheço.

**O dos homens?**

Sim. O homem e a mulher são seres muito diferentes. Acho que o Universo não quis que eu tivesse um homem por perto. Compreendo mais o mundo das mulheres do que o dos homens.

**Mas também é suspeita...**

Por ser mulher? Não. Há mulheres que não conhecem o mundo das mulheres. Nem das mulheres, nem dos homens. E vice-versa. O que quero dizer é que entendo melhor o mundo das mulheres, o que não quer dizer que não tenha grandes amigos homens.

**Mais do que mulheres?**

Não tenho muitos amigos. Mas tenho amigos do coração homens e mulheres. Tenho amigos desde os três anos, como tenho outros que conheci há três meses.

**Tenho uma missão humanitária na vida****Via-se a fazer outro tipo de coisas que não ligadas ao teatro?**

Via-me a fazer tudo que seja criativo.

**No mundo do espectáculo?**

No mundo do espectáculo e não só. Tenho uma missão humanitária na vida. Eu e todos nós. Às vezes, não a cumprimos, mas temos. Sinto-me perfeitamente capaz de ir para qualquer sítio do Mundo como voluntária ajudar os outros.

**Nunca o fez?**

Não. O que não quer dizer que não venha a fazê-lo. Mas, para já, tenho de ajudar a criar uma filha de 11 anos. Já vou ter muito trabalho pela frente. Até para me manter jovem, porque fui mãe aos 42 anos.

**Também se surpreendeu com**

**o talento dos actores do Norte?**

Não. Fico sempre satisfeita quando vejo talento nos outros. É bom ver sonhar.

**Ainda sonha?**

Sonho. O que me dá juventude são os sonhos. Só permitimos que a idade se instale quando deixamos de sonhar. Para mim, não foi de todo novidade o talento dos actores do Porto. Já lhes disse muitas vezes para não reclamarem, porque estão a viver um sonho

**São os actores que chamam o público ao Rivoli, ou é a peça em si?**

É tudo. O texto é maravilhoso. A encenação é fantástica. Os actores são maravilhosos. É um sonho ver o espectáculo. 'Um Violino no Telhado' vai, de facto, directo à alma do público. É uma coisa que não se consegue esmiuçar – sente-se. Não é palpável.

**E comparável?**

Também não se compara os filhos, pois não? A verdade é que já não me lembro das personagens que fiz. Foi tudo armazenado. Foram outras células que fizeram os espectáculos. E como as células se renovam, é natural que já não me lembre das personagens todas. São tudo memórias.

**Pensa algum dia vir a escrevê-las?**

As minhas memórias já estão a ser escritas há muito tempo.

**Por quem?**

Por mim. É um livro começado há já muito tempo. Escrevo muito, de facto.

**E vai publicá-lo?**

Não sei. Tanto posso ser eu a publicá-lo, como outra pessoa qualquer.

**Os filhos?**

Ou os netos. Mas também pode acontecer o que aconteceu com o meu pai.

**E o que foi?**

O meu pai, pura e simplesmente, deitou tudo fora. Não sei se haverá interesse em publicar as minhas memórias. É tudo muito relativo.

**Nunca sonhei chegar até aqui**

**Ainda tem de pé o projecto da criação de uma escola de formação para actores?**

Tenho.

**E uma companhia residente?**

Tenho todos os planos feitos.

**Só falta saírem do papel.**

Só. Mas há projectos na vida que, num momento, fazem todo o sentido e, noutro, perdem a actualidade.

**Foi o caso?**

Neste momento, estou bem como estou.

**Só a fazer teatro?**

A fazer teatro e a projectar o futuro. O teatro ensina-nos a ter confiança no futuro. Ou seja, na vida. No teatro, também não se podem dar certezas. Porque quase nunca se sabe. A certeza que há é a de que 'Um Violino no Telhado' vai para Lisboa. Mas quando? Não se sabe. Portanto, serão sempre projectos para o Verão de 2009. Neste Verão, também tive oportunidade de fazer vários espectáculos, mas não pude aceitar.

**Por causa de 'Um Violino no Telhado'?**

Quando se está a participar num espectáculo com a dimensão de 'Um Violino no Telhado', pouco mais se pode fazer.

**José Raposo parece não pensar assim...**

É a maneira dele viver. Se calhar, não está a estimar o seu bem-estar. Mas eu estimo

**Passei a ser assim a partir dos 40 anos. A minha filha já foi um sonho. Um dia acordei e decidi que tinha de fazer alguma coisa pela minha vida, em vez de estar sempre a dar aos outros**

muito o meu. Porque quero viver com qualidade durante muito tempo. Trato-me bem, alimento-me bem e durmo muitas horas.

**Quantas horas dorme por dia?**

Pelo menos, oito horas. Portanto, é uma escolha do José Raposo. Já lhe tenho dado nas orelhas, mas não posso fazer nada. Ninguém pode mudar ninguém. Para nos mudarmos a nós, já é uma trabalhadeira. Se aparecesse um trabalho no Porto que desse para conciliar com 'Um Violino no Telhado', aceitava. Porque gosto de trabalhar e porque tenho uma enorme capacidade de trabalho. Mas, para já, o que

apareceu não dava para conciliar: a novela era em Lisboa e os espectáculos eram por aí fora. O Casino da Figueira também me convidou. Só que, uma vez mais, não era conciliável. Estou, portanto, a delinear algumas coisas para o Verão, mas não sei o que vai acontecer.

**Sente-se um símbolo para a actual geração de actores?**

Não. Nunca sonhei chegar até aqui. Sinto-me uma pessoa comum, normal, simples. Não sei sequer o que é isso de ser um símbolo. Esqueço-me completamente de quem sou. Quase todos os dias.



**BIG BROTHER II**

**Hoje já não tenho robôs para pagar...**

**Não é um contra-senso nem sequer ver televisão e aceitar entrar no «Big Brother II»?**

Não. Tive os meus motivos. Sou, por natureza, uma pessoa curiosa e tive, de facto, curiosidade em estar do outro lado. Se não se viver as situações, não se pode representá-las? Depois, deu-me muito jeito participar por causa do dinheiro que lá fui ganhar, pois tinha uns projectores e uns robôs para pagar na minha produtora. Em duas semanas, paguei tudo, o que foi maravilhoso. Ainda há um outro motivo, mas esse fica só comigo, porque é pessoal. Mesmo íntimo. Na altura, queria falar com uma pessoa que estava fechada e segui.

**Se fosse hoje, faria a mesma coisa?**

Depende das circunstâncias. Uma coisa é certa: curiosidade não tinha, porque já vivi a situação. Ia depender do meu estado de espírito, assim como aconteceu da última vez. Agora já não tenho robôs para pagar, por exemplo.

**É coisa de que se orgulha?**

É-me absolutamente indiferente. Ao fim de 10 dias, já estava cá fora, perto das pessoas de quem gosto.

**Fez tudo para sair cedo?**

Fui eu quem quis sair. O 'Big Brother' era o espelho da sociedade. Portanto, nem está bem, nem mal. Hoje, já não se vive a febre dos 'reality shows'.

**Ficaram as novelas.**

As novelas são, de alguma forma, uma fuga para as pessoas não se centrarem apenas nos problemas do dia-a-dia.

**E é um escape para os actores?**

Para alguns, se calhar, é.

**Também aceita qualquer papel?**

Não. Mas parto sempre do princípio que, se vêm ter comigo, é porque é o melhor para mim. No fundo, eu é que atraio isso.

**Confia, portanto, muito nos outros.**

E em mim também. Confio, acima de tudo, em mim e nos meus sonhos.

**E os mal-intencionados?**

O que tem? Eu não sou mal-intencionada, logo não vou atrair os mal-intencionados.

**Nunca aconteceu?**

Não. Não fui eu que disse – foram os estudiosos: o semelhante atrai o semelhante.